

## IDENTIDADE E FORMAÇÃO

Meu nome é Ydê Afonso, sou brasileira de Sacramento – MG, nascida em 28/07/1945. A terceira dos quatro filhos de casal Carício Afonso de Almeida e Nair Vieira Gomide de Almeida também naturais daquela cidade.

Fiz o curso primário, ginásial e o Normal (Magistério) na minha pequena cidade natal. Apesar de não ter Faculdades no local, o sacramentano preocupava-se com a educação e buscava em outras cidades a continuidade para a sua formação.

Mudei-me para Brasília para dar sequência aos estudos. Cursei *Letras, Português e Inglês no CEUB*. A seguir, tornei-me bacharel em *Direito* com especialização na área *Civil e Comercial na AEUDF*; posteriormente, fui admitida na OAB, através do exame de Ordem.

Em Artes Plásticas concluí Polícriatividade, Desenho e Pintura no *CRESÇA* com Glênio Bianchetti; Gravura em Metal com Leda Watson com curso de extensão universitária na *UnB* e aquarela com Gao Xiao Yan dentre outros...

Na FEDEF, atuei como secretária um semestre no Gama, depois fui removida para a ENB como jardineira, tesoureira, professora e vice-diretora do Jardim de Infância da ENB (ressalto o trabalho de ilustradora, decoradora e projetista do refeitório, dos brinquedos do parquinho infantil daquela unidade); professora de 1º grau na Escola de Aplicação e 2º grau na ENB, lecionando Língua Portuguesa, Literatura e Inglês.

Estive, durante alguns anos, na Defensoria Pública como advogada dativa na Vara de Família onde, também, defendi causas como profissional liberal. Atualmente, pego causas mais rápidas para atender familiares.

## PORQUE BRASÍLIA?

Minha vinda para a Capital foi consequência natural da vida. No entanto, alguns fatores contribuíram: o conforto afetivo por ter vários parentes que já moravam na cidade; a familiaridade com a capital, pois passava, aqui, todas as férias desde 1962; o convite de minha irmã Iêda para que eu viesse, facilitou-me a decisão; porém, o clima foi o fator predominante.

## POR QUE VEIO?

Vim, portanto, para mudar de ares e de vida. Era setembro de 1971.

## A EXPERIÊNCIA NA CIDADE SOBRETUDO NA ESCOLA PÚBLICA

### Nas artes...

Destes 41 anos que aqui resido, sempre atuei de maneira direta ou indireta no campo das artes. Participei, fui jurada e, também, premiada em salões de arte e exposições. Apresentei-me em exposições individuais e coletivas como: gravadora, aquarelista, pintora, chargista e desenhista. Tenho obras em acervos particulares no Brasil e no exterior. Fiz lançamentos de livros infantis de minha autoria; um deles, *Viagem ao Planeta Azul* foi o primeiro livro para crianças com ilustrações de cenário da Capital - um tributo de gratidão a JK. Fui curadora da retrospectiva das obras em pintura de Nair Gomide, com lançamento de livro da autora, cuja organização do manuscrito contou com a minha coordenação. Participei dos premiados musicais de Marília Almeida e Guido Heleno como cenógrafa e figurinista. Durante minha gestão (vice-presidente da Casa do Poeta Brasileiro – Seção de Brasília), coordenei o primeiro encontro de poesia no Pátio Brasil e, em frente ao Memorial JK, na Praça do Cruzeiro o encontro de poetas: "Poesia do Entardecer". Em parceria com a Escola Parque da SQS 308, dirigi uma peça infantil de Maria de Lurdes Reis, presidente perpétua da POEBRAS. Ilustrei trabalhos de escritores do DF e de outros estados Fiz capas para livros e CDs e prefaciei livros de poetas e escritores brasilienses. Participei como jurada em concurso de artes plásticas.

## **Na educação...**

Minha experiência no magistério em Minas Gerais fora no 1º grau. Eu era especializada em alfabetização. Professora no Grupo Escolar Dr. Afonso Pena Jr. em Sacramento, o mais tradicional da cidade, cuja Biblioteca e Museu foram transformados em museu municipal. Nesse Grupo estudei e me destaquei, posteriormente, como professora. Era escolhida pela Inspetora Seccional para ser professora de seus netos, assim como minhas colegas queriam que eu alfabetizasse os filhos. Sempre fui muito responsável, criativa e “bem mandada”. Educada em regime austero, tanto pelos meus mestres como pelos meus pais, não poderia ser diferente. Como sempre tive pendor para as artes, minhas aulas tinham algo mais do que o imposto pela Secretaria de Educação do Estado. Fui também nomeada, pelo governador da época Magalhães Pinto, tesoureira da Associação de Pais e Mestres. Meu desempenho firmou, ainda mais, a fama de professora responsável e competente. Fiz, nessa época, curso de datilografia e Inglês.

Com a insistência de minha irmã para que eu viesse morar em Brasília, prestei concurso para FEDF como professora de 1º grau e passei. A Inspetora Seccional não queria me dispensar dos serviços no Grupo Escolar. Acredito que seu interesse pessoal tenha falado mais alto: seus netos estavam em processo de alfabetização. Disse-me ser eu proibida, por ser funcionária pública, de exercer dois empregos públicos. Era muito difícil alguém contestá-la!... Como os professores da FEDF eram regidos pela CLT, não via impedimento. Pedi licença sem vencimentos ao Estado de Minas, para fazer a experiência da mudança. Aprovada, também, no vestibular para a Faculdade de Letras (Inglês – Português) em terceiro lugar e admitida na FEDF, continuei como professora da escola pública na capital federal.

Minha primeira experiência foi como secretária no Gama. Substituí professores faltosos e atendia à administração como datilógrafa. Não era aquilo que queria, mas enfrentava tudo como se estivesse em férias.

Continuei no magistério, pois havia decidido cursar faculdade de Letras e por gostar de trabalhar em ambiente isento de competições e mais humano.

Em relação às crianças necessitadas da escola do Gama, eu já tivera conhecimento dessa realidade no Grupo Escolar onde lecionara. Em Minas, no início do ano letivo – nos três primeiros meses havia a adaptação das crianças com atividades próprias. Recebíamos alunos de todas as classes econômicas e níveis de QI (coeficiente de inteligência). Os alunos, naquela época, não passavam pela pré-escola. Vinham da zona rural com as mãozinhas duras pelo uso da enxada, outros do subúrbio da cidade. Crianças subnutridas com dificuldades em aprendizagem. Um novatas outras com vários anos de repetência. O governo mandava testes para separá-las de acordo com as potencialidades, e, após o período preparatório testávamos os alunos e, algumas vezes eu pegava as classes AN1, outras AN2. Crianças AN3 eram excepcionais. Com estas eu trabalhei somente nos três primeiros meses de cada ano. A classe AN1 recebia as crianças mais bem dotadas (as que atingiam maior índice de pontos nos testes).

Estranhei, ao iniciar meu trabalho no DF, a falta da seleção e a maneira desordenadas das crianças do Gama comportarem-se. Era costume dos professores de todos assentarem-se no chão em grupo. Por sinal, sujo. As lições de higiene caíam por terra... Estranhei também a maneira como chamavam as professoras de “tia”. Não achava produtor esse tipo de tratamento. Os alunos pequenos passam a não fazerem distinção entre seus parentes e os profissionais da educação. Notei, quando lecionei para o 2º grau, o deboche dos alunos mais rebeldes chamando-me de tia.

No final de 1971, fui removida para a Escola Normal de Brasília, para trabalhar no Jardim de Infância recém inaugurado. Chocante a diferença com a escola do Gama. Lá não tínhamos nem fiz, nem carteiras para todas as crianças. A ENB era o paraíso idealizado por todos educadores. Pensei... por que só aqui? A resposta meses depois apareceu: a escola era de demonstração, para mostrar ao mundo o ideal e não a realidade das escolas brasileiras... Só que o governo mostrava só a sala de visitas da educação e não a dispensa... E, ali só estudavam alunos oriundos da classe A. Os filhos de Políticos, Ministros, Secretários

de Governo, Embaixadores, funcionários graduados da própria Secretaria de Educação e os filhos dos que comprovassem residência na vizinhança da Escola. A exceção se fazia aos filhos das serventes da ENB.

O impacto foi gritante! A escola era linda... lindíssima! Espelho d'água, salas com portas inteiramente de vidro, abertas para jardins; auditório, lanchonete, áudio-visual com projetores, salas de música, teatro e artes, gabinete dentário e médico, setor de mimeógrafos elétricos para fazerem nossos estudos dirigidos, além dos mimeógrafos a álcool nas salas de professores. Só mesmo em escolas particulares. Mesmo assim, na época, não havia por aqui nenhuma escola particular tão bem aparelhada!

Tive que fazer, um curso pela OMEP, para me habilitar a trabalhar como jardineira. Tão logo começaram as atividades, houve uma mudança no corpo docente do Jardim e transferiram-me para o 1º grau da Escola de Aplicação da ENB. Era uma escola muito temida pelas professoras! Sendo escola de demonstração, delegações de professores de países estrangeiros visitavam-na a fim de conhecerem o modelo de ensino brasileiro. Tínhamos de esmerar no desenvolvimento do plano de aula e na postura em sala de aula. Tudo era, intensivamente, cobrado por cinco orientadoras. (Era difícil agradar e cumprir as determinações de todas elas; mas tínhamos que vencer as dificuldades, para ficarmos trabalhando lá). Várias professoras passaram pela Escola de Aplicação da ENB, mas não conseguiram ficar. Umas não se submetiam a tanta orientação, outras não atingiam a competência exigida pela direção da Escola. Às vezes, eram mandadas de volta para a Fundação Educacional, mesmo antes da avaliação de final de ano. Essa era um verdadeiro confessionário onde, ansiosas, esperávamos a penitência. Recebíamos a nota geral da diretora, através da avaliação de cada orientadora. E, assim, a professora ficava ou era devolvida. Eu trabalhei durante todo o ano e, pelo desempenho que tive, fui convidada pela Diretora do Jardim da Infância a trabalhar com ela como tesoureira e secretária para a organização da secretaria que teria de ser aos moldes da escola de 1º grau, porque as professoras iriam alfabetizar as crianças de 6 anos do Jardim, com um método experimental de Ivonilde Morrone. As que conseguissem bom desempenho, pulariam o primeiro ano do primeiro grau e iriam para a 2ª série. À época eram designadas etapas. Aceitei o convite porque também faria ilustrações, para motivar as aulas das professoras.

A diretora da Escola de Aplicação deixou-me sair, elogiou-me muito e deixou as portas da Escola de Aplicação abertas para mim. Retornei depois de terminar a Faculdade de Letras, como professora de Português para os alunos de 5ª e 6ª séries. Faltava professor de Português e a administração da ENB convocou-me para trabalhar. Foi uma fase muito produtiva. Era livre para planejar as aulas e esmerava-me o máximo. Já não havia as orientadoras diretas. Era só as coordenações. Trocava idéias com a colega de equipe ou com orientadora que vez ou outra aparecia na ENB. Depois de uns cinco anos fui transferida para a Escola Normal para dar aulas para as normalistas. Por lá fiquei até aposentar. Passei duas décadas trabalhando pelas três unidades da ENB. A vida ia me levando. Quando já estava habituada num setor, mudavam-me para outro lugar, na mesma Escola, sempre por interesse da Administração.

Hoje, sabemos o quanto um trabalhador criativo está em alta e é valorizado. As grandes empresas fazem de tudo para aproveitar os talentos de cada membro de sua equipe e com essa atitude conseguem sempre o melhor resultados para os lucros da companhia e melhor satisfação pessoal de cada um de seus membros.

Tentei mudar de disciplina. Meu desejo inicial foi lecionar Inglês, mas na ENB não tinha a disciplina no período. Posteriormente quis desenvolver trabalhos com artes. Era capacitada para isso. Fiz todos os cursos que as professoras da época fizeram para ocupar o cargo. Pleiteei a primeira vaga, com a saída de um professor. Quando isso aconteceu, pedi a Diretora Geral transferência para a área de Educação Artística. Ela me respondeu negativamente, dizendo que precisava de mim em PORTUGUÊS. Não saí de lá para trabalhar em outras escolas, por causa dos colegas de trabalho que já os considerava irmãos. Como também, não aceitei um convite do Colégio Objetivo. Sempre preferi trabalhar com estabilidade. As escolas particulares pagavam bem melhor, mas volta e meia demitiam professores sem justa causa.

A tendência da mentalidade dos líderes das empresas está mudando. Um bom líder valoriza e incentiva a todos a crescerem como profissionais. Está havendo uma aproximação maior entre líder e liderados, numa atitude de equipe no lugar de hierarquia rígida. Espero que isso também aconteça na FEDF como também em Minas, enfim em todo território nacional. A desvalorização está deprimindo a classe. A educação é o baluarte de toda democracia.

Notava que era status, alguém dizer pertencente ao quadro docente da ENB. O povo da cidade respeitava os professores e o ensino naquele educandário. Éramos a nata dos professores do DF. Era com orgulho que "vestíamos a camisa" daquele lugar.

Acostumada a trabalhar sob pressão em Minas Gerais, consegui ficar na Escola de Aplicação da ENB durante um ano. Lembro-me que no Grupo Escolar, não podíamos assentar durante as aulas. As salas tinham que ficar com as portas abertas para a direção nos supervisionar. Quanto ao ensino, Minas sempre foi pioneira em educação. Como eu lecionava em escola modelo, não tive dificuldades em adaptar-me à Escola de Aplicação. Poucas foram as novidades para mim. Destaco o número de orientadoras e o interessante uso do Material Dourado em Matemática. Em relação aos alunos, acho até que as crianças da escola pública do DF eram menos preparadas que as de Minas Gerais.

Notei que a mistura de nível de QI das crianças em disciplinas cognitivas, em fase de alfabetização, contribuía para a indisciplina e um rendimento mais baixo da classe como um todo. Em minha opinião, as crianças com problemas de aprendizagem devem ter classes mais direcionadas ao seu ritmo. Podendo ter aulas em comum com os alunos mais desenvolvidos nas disciplinas como Educação Física, Artes Plásticas, Música, Dança, Artes Cênicas, Religião e outras do gênero, para se socializarem e crescerem como seres humanos. Nessas disciplinas, as crianças de QI mais baixo interagem com facilidade, aprendem e trocam experiências com os coleguinhas mais capazes sem se sentirem inferiores como sempre acontecia, principalmente, em Matemática e Língua Portuguesa. O aprendizado das disciplinas cognitivas, a meu ver, é mais proveitoso com a separação das crianças de acordo com suas potencialidades. Elas sentem-se mais capazes e estimuladas. Vão crescendo na aprendizagem de uma maneira mais natural.

A comparação que as crianças fazem entre si torna-as mais seguras, por notarem que estão caminhando com o grupo de uma maneira mais harmoniosa. Não acho produtora expor e incentivar a criança à competições nesse período de suas vidas. A aprendizagem com respeito ao ritmo de cada aluno é mais humana e estimulante.

Nas salas das disciplinas cognitivas com crianças de níveis muito diferentes, os alunos mais capazes perdem o interesse e tornam-se indisciplinados. Por mais hábil que seja uma professora, fazendo trabalhos independentes, dividindo a turma em grupos, percebi que o rendimento é sempre prejudicado.

As escolas do DF recebiam as professoras mineiras com muito gosto. Éramos consideradas boas professoras de uma maneira geral.

**VALEU A PENA ...**

**. VIR PARA BRASÍLIA?**

Sim. Porque não gostaria de ver a vida passar pela janela de minha casa. Sempre a mesma praça, o mesmo banco, com cantou Chico Buarque. Aprecio a surpresa de cada dia que a cidade grande nos oferece. Só espero que a violência não me coloque vendo a vida pela grades das janela de meu apartamento.

**. TRABALHAR EM EDUCAÇÃO?**

Sim. Não sei mais viver sem fazer algo por ela. Por isso, atualmente, dedico-me a literatura, principalmente a infanto-juvenil. Espero, ainda, escrever muitos livros com mensagens que possam

contribuir de alguma forma para a formação das crianças e pré-adolescentes. É muito gratificante ajudar na transformação de uma criança em um cidadão digno. Isso é orgulho e recompensa para pais e mestres.

### **FALE DE SEUS LIVROS E SUAS OBRAS**

Sobre meus livros, tenho resenhas publicadas no site da Biblioteca Maria da Conceição Moreira Sales, antiga Biblioteca Demonstrativa de Brasília. É só acessar o site: ( [http://www.escritoresdebrasil.com.br](#) escritores de Brasília). Os textos são em prosa e outros em versos e as ilustrações, em pico de pena e aquarelas multicores.

As participações em antologia foram várias. Aguardo a última publicação e lançamento da Antologia Literária Internacional Del'Secchi com poema de minha autoria.

Em verbete do Dicionário de escritores de Brasília – 3º edição à página 15, o nome das antologias são citadas.

Com meus trabalhos em artes plásticas e literatura destaco a premiação:

Monção honrosa nº329/91 da Câmara Municipal de Sacramento, pelos méritos nas artes (literatura e artes plásticas);

O santo de casa fez milagres...

Fiz da minha vida uma batalha constante pela educação.

Às vezes caminhando com minha mãe, minha missão atual, ela me diz:

- Filha, não queira ensinar os meninos na rua; os garotos ainda podem revidar negativamente...

- Não adianta, mamãe! É como resposta a um estímulo. Vejo algo errado penso que posso ajudar. Afinal professor e padre podem ir até pro inferno, mas continuam ensinando e pregando.

### **BRASÍLIA**

Eis-m aqui Brasília! Há quanto tempo...

Aqui cheguei – uma menina - para cumprir a minha sina.

Migrantes de norte a sul tuas asas abrigaram.

Debaixo de céu azul, vidas novas afloraram.

Como tantos... Aqui finquei pé firme de bom guerreiro

E neste planalto altaneiro, busquei – na esperança –

Perseverança, força para construir uma vida,

Um sonho, um ideal.

Larguei tudo. Arrisquei.

Não foi sacrifício vão.

Tu me deste condição de ser alguém por mim mesma,

Sem os recursos da família ou benesses do poder.

Vejo, agora, orgulhosa: vitoriosa me tornei.

Teu horizonte, tão claro, clareou-me a mente.

Percebo que somente a força interna, que do ser emana,

É que transforma toda vida.

E tu, Brasília querida, foste cúmplice desse poder.

.....

Fios brancos nos cabelos já brilham...

Tempo de formiga terminou.

Com as cigarras cantarei agora, para celebrar, a toda hora,

A vitória que Brasília, também a mim, proporcionou.

(Bsb, 11/10/1993).

Brasília, 16 de julho de 2012-07-16

Ydê Afonso.